

UM OLHAR PSICOPEDAGÓGICO SOBRE A VELHICE

Maria Lourdes Bortolanza; Simone Krahl; Felipe Biasus

RESUMO – Este artigo apresenta uma reflexão sobre a ação psicopedagógica junto à velhice, a partir de experiências com grupos de idosos e de um diagnóstico sobre a estrutura e funcionamento dos mesmos. Este diagnóstico partiu de uma pesquisa exploratória, da qual participaram 17 coordenadores de grupos de idosos. Os resultados apontaram para alternativas de ações educativas mais adequadas. Nesse sentido, o presente artigo destaca o papel do psicopedagogo na mediação do processo permanente de aprendizagem do ser humano. Procura mostrar que a velhice é uma etapa para viver, conviver, apropriar-se de outras razões, reinvestindo, assim, em novas situações de ação e de aprendizagem. Para tanto, busca dimensionar a ação do psicopedagogo, articulado com profissionais de áreas afins, no sentido de aceitar, respeitar e legitimar a história do idoso, reconhecendo sua experiência, sua sabedoria e suas perspectivas existenciais, investindo na produção de conhecimentos e na ação gerontológica.

UNITERMOS: Psicopedagogia. Aprendizagem. Velhice. Idosos.

INTRODUÇÃO

A Educação é permanente na razão, de um lado, pela finitude do ser humano, de outro, a consciência que ele tem de sua finitude. Mas, ainda, pelo fato de, ao longo da história, ter incorporado à sua natureza não apenas saber que vivia, mas saber que ele sabia e, assim, saber que poderia saber mais¹.

O desafio de pensar hoje, sobre a educação como um processo permanente, demanda um questionamento acerca do papel da psicopedagogia na área da gerontologia. Sabemos

que, historicamente, o psicopedagogo se organizou como profissional que lida com o processo de aprendizagem humana, seus padrões normais e patológicos, considerando a influência do meio (familiar, escolar e social) para a compreensão do ato de aprender, trabalhando, em princípio, com crianças e adolescentes. Atualmente, a psicopedagogia está voltada para a compreensão do ser humano, no seu processo de aprendizagem, nas diferentes etapas de sua vida, direcionando o seu olhar também para o idoso.

Maria Lourdes Bortolanza – Mestre em Psicopedagogia, Professora da Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e Missões (URI) – Erechim, RS.

Simone Krahl – Mestre em Psicologia, Professora da URI- Erechim, RS.

Felipe Biasus – Aluno de Psicologia, Bolsista da URI – Erechim, RS.

Correspondência

Maria Lourdes Bortolanza

Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e Missões – Av. Sete de Setembro, 1.621– Erechim RS – Brasil – 99700-000 – Fone: (54) 520-9000

Fax: (54) 520-9090

E-mail: mlbortolanza@uri.com.br

Como profissional ligado à aprendizagem na idade madura, qual o papel do psicopedagogo junto aos idosos e aos seus grupos? Sua atuação como mediador não será a de aceitar, respeitar e legitimar a história de cada um, num movimento dinâmico de trocas e de possibilidades de inserção na realidade, de superação de contradições e de responsabilidade na transformação social? Que estímulos e que ações poderão ser desenvolvidas para auxiliar o idoso a manter ativa sua memória, sua função intelectual, sua capacidade de resolver problemas e criar produtos culturais? Para responder a essas questões há que se retomar algumas reflexões, partindo da percepção dos próprios idosos e de profissionais que interagem com eles nos grupos de convivência.

As experiências realizadas em atividades de extensão e de pesquisa junto aos grupos de 3ª Idade – Universidade Sem Limites, da Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões – Campus de Erechim/RS, junto aos Grupos da Associação de Apoio ao Idoso Erechinense, bem como aos Grupos de Convivência ligados às Secretarias de Ação Social dos municípios da Região da Associação de Municípios do Alto Uruguai (AMAU/RS), incentivaram a produção do presente artigo que enfatiza um olhar psicopedagógico sobre a velhice.

SITUANDO A VELHICE

O processo de saber envelhecer é tão importante como o processo de crescimento. Ninguém traz como hereditário e intrínseco em si mesmo um destino de vida longa ou de morte precoce. O ser humano é chamado para a plenitude da vida e para isso há de se programar um jeito de viver, conviver e aprender contínuos.

A velhice é uma etapa da vida adulta, a mais longa da existência humana. O crescimento significativo da população idosa é resultado da alta fecundidade ocorrida no passado, da redução da mortalidade, principalmente a infantil, dos avanços científicos da medicina e de ganhos nas práticas de saúde biopsicossocial, bem como do declínio continuado de nascimentos, em função

do crescente acesso das mulheres aos métodos contraceptivos². As pessoas estão morrendo mais idosas e com melhor qualidade de vida, portanto o aumento da longevidade é uma conquista da humanidade.

Caracterizada pelo declínio de certas capacidades e mudanças nos aspectos biopsicossociais, é exigida da velhice uma série de ajustamentos pessoais e sociais. Encarada como um período dramático, mesmo quando não associada à pobreza ou à invalidez, torna-se restrita, cada vez mais, a participação dos idosos em uma série de atividades, mesmo para os que são considerados aptos, física e mentalmente. Isso implica num recuo de um mundo amplo e público, para um mundo restrito e privado, ou seja, marginalizado. A perda dos papéis sociais e da atividade produtiva cria uma série de conflitos no processo de envelhecimento saudável.

O Brasil é um país de jovens, mas dia-a-dia vive o fenômeno do envelhecimento humano. A média de vida, hoje, gira em torno de 66 anos (média mundial) e passará a ser de 73 anos, em 2025³. Segundo esses autores, no Brasil, as perspectivas para o ano de 2030 estão em torno de 25 milhões de idosos. Os dados preliminares do Censo Demográfico⁴ referem que há cerca de 10 milhões de pessoas da população brasileira com idade superior a 60 anos, destes, 161 mil estão no Rio Grande do Sul.

Segundo Gouvêa⁵, a terceira idade está vivendo um momento de responsabilidade, uma vez que as conquistas atuais, duramente obtidas, se refletirão nas próximas gerações de idosos. A autora informou que os idosos de hoje, em relação a gerações anteriores, convivem com um maior número de transformações sociais, onde ocorrem mudanças dos mais variados tipos. Tais mudanças trazem “a necessidade de aprendizados novos e adaptações que atingiram os setores, moral, psicológico, científico, religioso e mesmo doméstico”.

Na velhice (fase iniciada aos 60 anos, conforme a Organização Mundial da Saúde), o sujeito depara-se com inúmeras perdas, tanto biológicas como sociais. Dentre as perdas

biológicas estão: a perda da elasticidade da pele; a perda dos dentes; a modificação do esqueleto, implicando em problemas musculares; encurvamento postural devido a modificações na coluna vertebral; problemas de circulação (incluindo aterosclerose); a insônia aumenta, assim como a fadiga durante o dia; o metabolismo fica mais lento e há uma diminuição da velocidade dos impulsos nervosos, o que altera os sentidos do velho^{6,7}.

Claudel (citado em Beauvoir⁶) parece sintetizar uma perspectiva otimista da velhice, embora a partir das perdas biológicas: “[...]oitenta anos! Foram-se os olhos, os ouvidos, os dentes, as pernas e o fôlego! E é impressionante, apesar de tudo, como se consegue passar sem tudo isso!”. Assim, por um lado, passam a existir limitações das funções biológicas, por outro lado, as funções afetivas e sociais podem ser preservadas e aperfeiçoadas⁸.

Além das perdas biológicas, físicas, algumas questões sociais e psicológicas aparecem também como cruciais nesta fase do ciclo vital. O velho acaba por passar por uma crise de identidade devido à falta de papel social, levando-o à perda de auto-estima; experimenta mudanças de papéis na família, no trabalho e na sociedade; vivencia perdas diversas, desde a condição econômica ao poder de decisão, até a perda de parentes e amigos. Assim, criam-se idéias “universais” de que os velhos são inúteis, que são “assexuados” ou que estão “fora do jogo”^{6,7,9}.

Essas transformações pelas quais o velho passa estão presentes também nos aspectos psicológicos, que podem apresentar: dificuldade de adaptação a novos papéis; falta de motivação e dificuldade de planejar o futuro; depressão; hipocondria; somatização; paranóia; suicídios; baixas auto-estima e auto-imagem⁷. Apesar do cenário sombrio da velhice, existe uma riqueza de vida, de experiência, de fascinação, de atividades, de interações socioafetivas e de expectativas existenciais.

Portanto, apesar de seu enfraquecer, sua mente pode conservar-se lúcida, a medida em que exercita a memória, busca o conhecimento

e a cultura, convive em grupo, repassando a experiência, a sabedoria e o afeto. Para João Paulo II¹⁰, os anciãos observam os acontecimentos com mais sabedoria, porque os conflitos de sua vida, os tornam mais experimentados e amadurecidos. Em sua carta aos anciãos, afirma que eles são os guardiões da memória coletiva e, por isso, intérpretes privilegiados daquele conjunto de ideais e valores humanos que mantêm e guiam a convivência social. Excluí-los é rejeitar o passado, onde penetram as raízes do presente, em nome de uma modernidade sem memória.

Para Zimerman⁷, “o segredo do bem-viver é aprender a conviver com as limitações”. Debert¹¹ destaca diversas experiências de envelhecimento bem sucedidas como, por exemplo, as universidades da terceira idade e os grupos de convivência. Para Bortolanza¹², o tempo faz história e constrói saber. Esse tempo não é homogêneo, mas ritmado pela individualidade, compassado por momentos significativos, cadenciados por ocasiões e desligado por rupturas.

HISTORIANDO – GRUPOS DE IDOSOS

Nos últimos anos, cada vez mais os idosos estão se reunindo não apenas para participar de confraternizações, mas também para debater problemas da velhice e lutar por seus direitos¹³.

Os primeiros trabalhos datam de 1963, quando o Serviço Social do Comércio (SESC) de São Paulo lança o programa inédito destinado aos comerciários aposentados, ainda quando o idoso era uma minoria. Este foi o primeiro trabalho de intervenção em gerontologia social, o qual se expandiu para diferentes setores governamentais e não governamentais.

A partir de 1980, houve um grande crescimento que provocou o verdadeiro desenvolvimento da área, não só no atendimento, como na organização de grupos. A partir dessa data é que o trabalho com idosos se efetivou realmente no Rio Grande do Sul, quando surge o Trabalho Social com Idosos, que se baseava na realização de atividades de integração como: bailes,

passeios, reuniões de confraternização, oficinas, palestras, entre outras.

Em Erechim/RS e demais municípios da Região da AMAU, a organização de grupos de idosos também teve início nos anos 80, multiplicando-se a cada ano, sendo que, hoje, o número de congregações ultrapassa uma centena.

Na Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões – Campus de Erechim/RS, o trabalho na área da gerontologia vem sendo desenvolvido desde o ano de 1991, com a criação do Centro Regional de Estudos da Terceira Idade (CRETI), sob a coordenação do Departamento de Ciências Humanas – área da Psicopedagogia. O CRETI se caracteriza como um grupo de estudo, pesquisa e formação gerontológica, desenvolvendo uma ação integrada com diversas entidades de apoio ao idoso, da região.

A partir do CRETI, foram desencadeadas várias ações na Universidade como: - Cursos de Formação de Recursos Humanos em Gerontogeriatrics; - Cursos de Formação de Lideranças de Grupos de 3ª Idade; - Cursos de Formação Permanente para Idosos (Universidade sem Limites); - Oficinas Psicopedagógicas (Arte, Literatura, Poesia, Educação Física, Música, Dança Expressão Corporal, Teatro, Desenho); - Fóruns e Seminários Regionais de 3ª Idade; - Comemoração de Semanas do Idoso; - Edição de Cadernos de 3ª Idade e do Jornal "Privilégio"; - Visitas, Passeios e Viagens; - Ações Filantrópicas.

A importância do trabalho, segundo Lafin¹¹, está no fato de proporcionar ao velho, espaço de participação, relacionamentos sociais e afetivos. Segundo ele, há quem participa de grupos para conversar, outros para fazer artesanato, aumentar a renda ou prestar serviços para outros segmentos da comunidade. Ainda, segundo Lafin¹¹, os velhos são uma mão-de-obra voluntária e inestimável que ainda não está sendo bem aproveitada no Brasil.

Afinal, como se caracteriza um grupo de convivência ou grupo de idosos? Antes de responder a esta questão é importante que se defina grupo.

Para Hartfort¹⁵, grupo é definido como uma reunião de duas ou mais pessoas, com objetivos e interesses comuns, num intercâmbio social, cognitivo e afetivo. O intercâmbio social que ocorre nos encontros é suficiente para que os participantes: - tenham impressões recíprocas; - criem um conjunto de normas para seu funcionamento; - desenvolvam metas e ações coletivas; - encontrem sentido de coesão para que cada um se sinta responsável pelo que constitui o grupo. Para o autor, as pessoas necessitam pensar em si próprias e serem pensadas pelos outros, como entidade distinta de todas as outras coletividades.

Esta definição indica o que se entende, aqui, por grupos de idosos. Entretanto, Zimmerman⁷, ao falar sobre grupo socioterápico, informa que o mesmo tem a finalidade de resgatar prazerosamente as atividades sociais, possibilitando uma conversa não só em torno das atividades desenvolvidas, mas também uma discussão sobre problemas das mais diversas áreas, inclusive conteúdos angustiantes, bem como sentimentos comuns, traçando uma nova definição do que se entende por grupo de idosos.

Na sua organização e funcionamento, os grupos têm buscado a assessoria de profissionais de diversas áreas, principalmente de psicopedagogos e psicólogos, pois sua atenção está hoje mais voltada para a interação, a descoberta de novos saberes, criando uma outra cultura sobre o envelhecimento humano.

GRUPOS DE IDOSOS – SUA ESTRUTURA E FUNCIONAMENTO

Diante do contexto descrito acima, a URI – Campus de Erechim, através de ações de extensão, desenvolvidas no Departamento de Ciências Humanas pela área da psicopedagogia e da psicologia, realizou, em 2003 e 2004, um diagnóstico da realidade dos grupos de idosos a fim de conhecer sua organização e funcionamento, buscando investir na formação de recursos humanos em gerontologia social.

Participaram do estudo 17 coordenadoras de grupos de idosos, representando nove municípios

da AMAU, 47 grupos e 2.200 idosos, sendo 694 homens e 1506 mulheres. Trata-se de uma pesquisa exploratória, cuja principal finalidade foi desenvolver, esclarecer e modificar conceitos e idéias sobre a organização e o funcionamento dos grupos de idosos da AMAU, tendo em vista a formulação de problemas mais precisos ou a busca de alternativas para ações mais adequadas.

A partir do levantamento dos dados, pode-se perceber que o surgimento dos grupos esteve ligado a uma necessidade de atendimento aos idosos que dia-a-dia crescia em número. Aliado a essa demanda, estava o aparecimento de resultados positivos frente aos trabalhos com idosos de outras localidades ou Estados.

Na região da AMAU, o surgimento dos grupos esteve ligado às Prefeituras Municipais, diretamente relacionados às Secretarias Municipais de Assistência Social e/ou à Legião Brasileira de Assistência Social (LBA). Outro fator que influenciou a criação de alguns grupos foi o número de idosos que não participavam daqueles existentes devido à falta de vagas. Universidades, igrejas, entidades assistenciais, escolas, clubes de serviço, clubes esportivos e recreativos, academias de ginástica também congregam grupos.

Em geral, tais grupos são abertos, ou seja, os idosos podem ser convidados ou dirigirem-se voluntariamente para participar destes, nos quais são inscritos gratuitamente. Existe, na maioria dos grupos, uma diretoria, eleita a cada dois anos, e uma coordenação. Essa coordenação, em alguns grupos de cidades menores, é composta pela primeira dama do município, assistentes sociais e voluntárias. Em outros, essa coordenação é composta por voluntárias, em geral, pessoas de 40 a 50 anos. E, ainda, existem grupos que são coordenados por pessoas do grupo, ou seja, pessoas de 60 anos a mais. Na URI – Campus de Erechim/RS, existe um Projeto de Integração da Universidade com a Terceira Idade (Universidade sem Limites), ligado ao Departamento de Ciências Humanas e ao Centro de Extensão.

Uma das questões que se inventariou relaciona-se às atividades desenvolvidas nos

grupos. Percebeu-se a existência de uma espécie de "currículo" organizado por cada um dos grupos, os quais os seguem intuitivamente, ou seja, não há uma estrutura rígida e predefinida para o funcionamento ou para as atividades que o grupo irá desenvolver. Entretanto, existem objetivos claros para as atividades desenvolvidas, ou seja, cultura, interação, lazer, busca de alternativas para resolução de problemas socioafetivos. Os grupos, em geral, desenvolvem atividades semelhantes, tais como: exercícios físicos, espiritualidade, roda-de-chimarrão, lazer, trabalhos manuais, conversas, canto e os famosos bailes. Pequenas variações foram observadas, como: viagens, palestras, oficinas psicopedagógicas, exercícios de dinâmica de grupo e algumas atividades filantrópicas. Estas variações estariam ligadas às possibilidades de espaço físico, de cultura, nível econômico, liderança e filosofia de cada grupo.

Cada grupo possui uma dinâmica de funcionamento dos encontros. Alguns sempre iniciam com um momento de espiritualidade. Outros partem da ginástica, da conversa solta e da música. Os grupos buscam criar um ambiente de descontração e de alegria, proporcionando aos idosos uma interação sadia e harmoniosa na convivência. Os trabalhos desenvolvidos por essa população refletem um exercício pleno da cidadania.

Buscou-se identificar através das coordenadoras (participantes da pesquisa) qual o significado do grupo para os idosos. Em todas as respostas, as pessoas atribuíram um significado positivo ao grupo, pois o mesmo proporciona: a) troca de experiências, de conhecimentos e de ajuda; b) valorização pessoal; c) alegria e entretenimento; d) recursos para vencer a depressão e a solidão; e) melhor qualidade de vida; f) oportunidade de encontros semanais, estabelecendo ótimas relações sociais e afetivas; g) integração com idosos de outros municípios; h) desenvolvimento de projetos: oficinas de aprendizagem e de trabalho, viagens, assistência social e integração com a sociedade.

Tais colocações comprovam as palavras de Hartford¹⁵, quando refere que o grupo exerce forças sobre o velho no sentido da sociabilização/ressociabilização; conceito de aquisição ou mudança do eu; identidade; motivação; formação e modificação de valores e crenças; mudança comportamental; alcance de um senso de pertencimento, apoio e educação.

O diagnóstico levantou algumas dificuldades enfrentadas pelos grupos. A maior parte delas está relacionada à falta de recursos financeiros. Detectou, ainda, alguns limites, como: a) espaço físico inadequado para os encontros; b) falta de transporte para os idosos participarem dos encontros, tanto municipais quanto regionais, onde não há ônibus coletivo/urbano; c) problemas de ordem grupal, ou seja, que fazem parte da dinâmica grupal, tais como dificuldades no relacionamento interpessoal, individualismo, disputa, falta de entrosamento, união do grupo; d) alguns limites quanto à formação e à capacidade de liderança de alguns coordenadores; e) perdas, pela morte de um membro do grupo; f) resistência, principalmente dos homens, à participação em grupos de idosos; g) questões político-partidárias interferindo em grupos; h) reconhecimento da sociedade, pelo trabalho desenvolvido com idosos; i) falta de tempo de profissionais da área da saúde, da educação, da arte, da música, da educação física, habilitados na ação gerontológica, para atender sistematicamente aos grupos.

Os grupos estão em permanente evolução, demonstrando que o velho continua muito vivo, interativo, participante, com capacidade de autonomia, iniciativa e poder decisório, para não aceitar tudo que lhe é proposto, ou seja, evidenciam que o mesmo tem poder de desejar e de rejeitar, fazendo escolhas adequadas.

Por tratar-se de uma pesquisa-diagnóstico, nascida de um projeto de extensão, buscou-se levantar formas pelas quais a universidade, através do serviço de psicopedagogia e psicologia, pudesse estar auxiliando os grupos. Segundo as participantes, a melhor maneira seria através de cursos, oficinas, formação para coordenadores de

grupos, atendimento especializado e através de projetos de estágios, desenvolvidos por alunos das diversas áreas do conhecimento, trabalhando diretamente com os grupos de idosos.

O objetivo desse estudo foi verificar como funcionam e organizam-se os grupos de idosos. Em grande parte foi atingido, entretanto, questiona-se sobre o que poderia ser realizado para que esse diagnóstico não se torne um simples levantamento de dados, sem benefício social.

Muitos questionamentos levantados ainda buscam resposta, tais como: Conversar, tomar mate, dançar são as atividades mais comuns nos grupos, mas serão elas as mais importantes? Qual o verdadeiro motivo que leva o idoso ao grupo? Qual a influência real que o grupo traz para o idoso? Será que a Universidade, dentro de seu caráter comunitário, está realmente atendendo a essa população? Qual o papel do psicopedagogo junto aos idosos, quer em sua individualidade (Psicopedagogia Clínica), quer no grupo (Psicopedagogia Institucional)?

AÇÃO PSICOPEDAGÓGICA JUNTO A IDOSOS

A experiência ora relatada envolveu a participação conjunta de profissionais do campo da psicopedagogia, da psicologia, da pedagogia e da saúde, voltados para o estudo e a formação continuada do ser humano adulto.

A condução do trabalho junto aos grupos de idosos foi eminentemente educativa, organizada em espaços transdisciplinares, tanto mais que se trata de uma área emergente, complexa e de relevância social.

Através da ação-reflexiva de profissionais da área da psicologia e da psicopedagogia, buscou-se compreender o fenômeno gerontológico no enfoque psicopedagógico, resultando na elaboração do presente artigo. O tema exige um aprofundamento de estudos, bem como, um olhar mais científico sobre a velhice e sobre a natureza do trabalho psicopedagógico nesse contexto.

A velhice é uma etapa para viver, conviver, apropriar-se de outras razões éticas e estéticas, compreendendo que nem todos os pretextos são

equivalentes, privilegiando ações sustentadoras da alegria e do sonho, reinvestindo em novas situações de ação e de aprendizagem. Os psicopedagogos em equipe multidisciplinar poderão transformar essa virtualidade em prática. Desta forma, poderão mobilizar suas competências profissionais, assim como uma relação com os saberes, reconhecendo que a aprendizagem na terceira idade tem um sentido que vem de mais longe, que se enraíza na cultura familiar, na história de vida, na ancoragem social e na perspectiva existencial de cada idoso.

Quanto à atuação do psicopedagogo na área da gerontologia, pouco se tem pesquisado ou escrito sobre esse tema. Cabe ao psicopedagogo congregar conhecimentos e profissionais de diversas áreas, com o objetivo de compreender, discernir e empreender um trabalho de mediação e de assessoria aos idosos e aos seus grupos. Para isso, também há de mobilizar a sociedade no estabelecimento de políticas mais justas de atenção à terceira idade.

Para Visca¹⁶, na escola e na comunidade se faz psicopedagogia, no sentido de perceber e aceitar como o sujeito é, descobrindo como ele aprende e interage. O objetivo do psicopedagogo é pesquisar e trabalhar nas manifestações cognitivo-afetivas do sujeito em situação de aprendizagem. Para Bortolanza¹², a relação com o saber é uma relação do indivíduo consigo mesmo, com os outros e com o mundo. A relação com o mundo se estabelece num universo de significados e símbolos, de espaços e tempos partilhados entre os homens. O homem toma posse do mundo através do que ele percebe, imagina, sente, pensa e deseja. Desta forma, a relação com o saber é uma relação com sistemas simbólicos, como a linguagem, e implica numa atividade do sujeito num tempo que jamais acaba.

O psicopedagogo faz o papel de mediador entre o idoso e a construção ou reconstrução do conhecimento, interagindo para superação das dificuldades apresentadas, como também na psicodinâmica do grupo de convivência. É muito difícil para o idoso quebrar paradigmas, pois sua história de vida moldou seu comportamento e sua

história escolar de obediência e rigidez, tornaram-no, muitas vezes, conformado e razoável, em lugar de curioso, questionador e criativo.

Atuando junto a grupos de convivência ou da universidade, percebe-se que o idoso apresenta alguma resistência em aceitar todo conhecimento que se encontre em contradição com a sua concepção de mundo e de vida. Tem dificuldade, também, em aceitar certos conhecimentos novos, por medo de arriscar e de perder. Além disso, cada sujeito possui uma estrutura cognitivo-perceptiva e um nível de conhecimento colocado à prova no momento que se encontra no grupo.

Maturana¹⁷, ao questionar a educação, pergunta a si próprio: "Como posso aceitar-me e respeitar-me se não aprendi a respeitar meus erros e a tratá-los como oportunidades legítimas de mudança, por que fui castigado por equivocarme?" Portanto, segundo o autor, a educação que leva a pessoa a viver seus limites e seus erros como negação de sua identidade, que estimula a competição e a negação de suas possibilidades, não serve para nenhum país. Para ele, a emoção fundamental que define o humano é o amor, a coexistência na aceitação do outro e na colaboração com o mesmo. O autor afirma, ainda, que o progresso não está na contínua complicação ou mudança tecnológica, mas na compreensão do mundo natural, que permite recuperar a harmonia e a beleza da existência nele, com base no seu conhecimento e respeito por ele.

As idéias de Maturana¹⁷ são essenciais na compreensão da velhice, na sua interação com o conhecimento e com as pessoas. Muitos idosos vivem com medo de errar, por não se sentirem capazes de agir com a mesma fortaleza que lhes era familiar, por terem sido repreendidos ou marginalizados. Por isso, estar no grupo com seus iguais, sentir-se par, é tão importante para eles.

O ser humano, segundo Hartfort¹⁵, é um ser gregário, pois desde seu nascimento vive em grupo. Visto isso, na velhice percebe-se uma necessidade ainda maior por grupos, pois o velho encontra neles apoio pessoal e autogratificação para facilitar a nova definição de papéis e ramificações sociais. Tanto forças pessoais como

sociais influenciam na capacidade do velho em participar de um grupo, o qual exerce forças sobre ele, no sentido de: a) sociabilização/ressociabilização; b) conceito de aquisição ou mudança do eu; c) afirmação da identidade; d) motivação e ação; e) formação e modificação de valores e crenças; f) mudança comportamental; g) alcance de um senso de pertencimento, apoio e educação.

Trabalhar na área da gerontologia exige dos profissionais muita clareza teórica e um projeto educativo que ajude o idoso a buscar um saber relacionado com seu viver cotidiano, de modo que ele possa refletir sobre seus afazeres e mudar de mundo sem deixar de respeitar a si mesmo e aos outros. Para Bortolanza¹², "compreender as dimensões constitutivas da relação com o saber é confrontar-se com um sujeito singular em situação de aprendizagem, em um mundo que ele partilha com outros e consigo mesmo".

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A idéia não foi apenas realizar um diagnóstico sobre a organização e funcionamento de grupos de idosos, mas efetuar uma séria reflexão e, a partir disso, elaborar projetos de ações efetivas, de forma multidisciplinar, que atendam às necessidades da população idosa. Transpor os conceitos que são ainda vigentes sobre a velhice, reconhecendo sua experiência, sua sabedoria e o poder do seu afeto, é investir no seu potencial influente na transformação educativa da sociedade, cultivando os segredos mais simples, preciosos e indispensáveis da vida humana.

Deu-se início a uma ação-reflexão e razão, sobre o saber-fazer psicopedagógico junto ao idoso, evidenciou-se a relevância da ação psicopedagógica na mediação entre o idoso e a construção e reconstrução do conhecimento. Além disso, o psicopedagogo tem papel importante na inclusão do idoso nos grupos de convivência,

facilitando a interação do mesmo com o conhecimento e com seus pares, estendendo essas habilidades desenvolvidas no grupo para a convivência social ampla, contribuindo para a redefinição do papel do idoso na sociedade.

Inserido na universidade, o psicopedagogo e especialistas de áreas afins podem sugerir: a) inclusão de disciplinas e conteúdos relacionados às áreas de gerontologia, psicologia do desenvolvimento, pedagogia e psicopedagogia, nos cursos oferecidos pelas instituições; b) promoção de pesquisa, produção científica, atividades de extensão, estágios e monitorias, envolvendo docentes e discentes nos programas de integração da universidade com os grupos de idosos; c) coordenação de ações no estabelecimento de políticas públicas de atenção à 3ª idade.

Nada vai deter a organização e funcionamento de grupos de idosos, por ser uma iniciativa que parte da necessidade de pessoas com idade e objetivos comuns. O psicopedagogo, em equipe multiprofissional, pode contribuir diretamente com o aprofundamento de estudos e pesquisas permanentes, viabilizando um trabalho sólido, construtivo e de criatividade no fortalecimento dos grupos, revertendo num quadro de velhice mais saudável.

A Psicopedagogia, portanto, assume um espaço abrangente e significativo junto aos idosos, em que o processo de aprender e de ensinar faz parte da responsabilidade e da existência de cada um. Com profissionais de áreas afins, o psicopedagogo continua atendendo à criança que cresce, respeitando o adolescente que se transforma, estimulando os jovens, dialogando com os adultos, ouvindo os mais velhos, potencializando mudanças, redefinindo papéis, no interjogo entre o conhecimento e a vida, entre o objetivo e a subjetividade, na busca de novas expectativas para o idoso do século XXI.

SUMMARY

Psychopedagogical view on the old age

This article brings a reflection about the psychopedagogical action with the elderly, from experiences with elderly groups and a diagnosis of their structure and functioning. This diagnosis is from an exploratory research with 17 coordinators of elderly groups. The results point to alternatives of more suitable educative actions. In this sense, the article highlights the role of psychopedagogues in the mediation of the human being permanent process of learning. It tries to show that old age is a stage to live, to coexist, to seize on other reasons, reinvesting in new situations of action and learning. Thus, it tries to seize up the psychopedagogues' action, articulating with professionals from other related areas in order to accept, to pay respect and to legitimize the elderly history, recognizing their experience, their wisdom and their existential perspectives, investing on knowledge production and on the gerontology action.

KEY WORDS: Psychopedagogy. Learning. Old age. Aged.

REFERÊNCIAS

1. Freire P. Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa. Rio de Janeiro: Paz e Terra; 1997.
2. Secretaria Nacional dos Direitos Humanos. Política Nacional do Idoso: Programa Nacional de Direitos Humanos. Brasília: Ministério Nacional de Direitos Humanos; 1998.
3. Felck M, Chachamovich E, Trentini C. WHOQOL-OLD: método e resultados de grupos focais no Brasil. Rev Saúde Pública 2003;37:793-9.
4. Fundação Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - 2000. Disponível em <http://www.ibge.gov.br> [Acesso 4 fevereiro 2004]
5. Gouvêa M. Terceira idade, ainda tempo de semear. Petrópolis: Vozes; 2002.
6. Beauvoir S. A velhice. 2ª ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira; 1990.
7. Zimmerman G. Velhice: aspectos biopsicossociais. Porto Alegre: Artes Médicas; 2000.
8. Both A. Fundamentos de gerontologia. Passo Fundo: Gráfica e Editora UPF; 1994.
9. Bee H. Ciclo vital. Porto Alegre: Artes Médicas; 1997.
10. João Paulo II. Carta aos anciãos. São Paulo: Paulinas; 1999.
11. Debert GG. As representações sociais: estereótipos do papel do idoso na sociedade atual. In: Ministério da Previdência e Assistência Social, org. Anais do I Seminário Internacional. Envelhecimento populacional: uma agenda para o final de século. Brasília; 1996.
12. Bortolanza ML. Insucesso acadêmico na universidade: abordagens psicopedagógicas. Erechim: EdiFAPES; 2002.
13. Vogel C. Idosos buscam mais qualidade de vida. Disponível em <http://na.uol.com.br/ancapital/2002/set/16/> [Acesso 9 fevereiro 2004]
14. Lafin S. Entrevista concedida ao SESC/RS. Maturidade Ativa 2003;1(2).
15. Hartfort M. Grupos em serviço social. Rio de Janeiro: Agir; 1983.
16. Visca J. Psicopedagogia: novas contribuições. Rio de Janeiro: Nova Fronteira; 1991.
17. Maturana H. Emoções e linguagem na educação e na política. Belo Horizonte: UFMG; 2002.

Trabalho coordenado pelo Projeto Integração da Universidade com a 3ª idade.

*Artigo recebido: 20/09/2004
Aprovado: 20/05/2005*